

# Uma Identidade Migrante



Leonardo Santos Amâncio Cabral  
Camila Mugnai Vieira

# Uma Identidade Migrante

Volume 10

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

EDESP-UFSCar

2023

Copyright © 2023 de Leonardo Santos Amâncio Cabral e Camila Mugnai Vieira

#### Editora De Castro

**Editor:** Carlos Henrique C. Gonçalves

#### Conselho Editorial:

Alonso Bezerra de Carvalho – Unesp  
Antenor Antonio Gonçalves Filho – Unesp  
Bruna Pinotti Garcia Oliveira – UFG  
Célia Regina Delácio Fernandes – UFGD  
Cláudia Starling Bosco – UFMG / FaE  
Felipe Ferreira Vander Velden – UFSCar  
Fernando de Brito Alves – UENP  
Flávio Leonel Abreu da Silveira – UFPA  
Heloisa Helena Siqueira Correia – UNIR  
Hugo Leonardo Pereira Rufino – IFTM  
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG / FAE  
Jucelia Linhares Granemann – UFMS  
Layanna Giordana Bernardo Lima – UFT  
Lucas Farinelli Pantaleão – UFU  
Luciana Salazar Sagado – UFSCar / LABEPPE  
Luis Carlos Paschoarelli – Unesp / Faac  
Luzia Sigoli Fernandes Costa – UFSCar  
Marcia Machado de Lima – UNIR  
Marcio Augusto Tamashiro – IFTO  
Marcus Vinícius Xavier de Oliveira – UNIR  
Mauro Machado Vieira – UFU  
Osvaldo Copertino Duarte – UNIR  
Zulma Viviana Lenarduzzi – UNER / Argentina

**EDESP** – Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar

**Diretor:** Nassim Chamel Elias

#### Editores Executivos

Adriana Garcia Gonçalves  
Clarissa Bengtson  
Douglas Pino  
Rosimeire Maria Orlando

#### Conselho Editorial

Adriana Garcia Gonçalves – UFSCar  
Carolina Severino Lopes da Costa – UFSCar  
Clarissa Bengtson – UFSCar  
Christianne Thatiana Ramos de Souza – UFPA  
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda – UFSCar  
Cristina Cinto Araújo Pedroso – USP  
Gerusa Ferreira Lourenço – UFSCar  
Jacyene Melo de Oliveira Araújo – UFRN  
Jáima Pinheiro de Oliveira – UFMG  
Juliane Ap. De Paula Perez Campos – UFSCar  
Marcia Duarte Galvani – UFSCar  
Maria Josep Jarque – Universidad de Barcelona  
Mariana Cristina Pedrino – UFSCar

Nassim Chamel Elias – UFSCar / Presidente  
Otávio Santos Costa – UFMA  
Rosimeire Maria Orlando – UFSCar  
Valéria Peres Asnis – UFU  
Vanessa Cristina Paulino – UFMS  
Vanessa Regina de Oliveira Martins – UFSCar

#### UFSCar

#### Reitoria

Ana Beatriz de Oliveira

#### Vice-reitoria

Maria de Jesus Dutra dos Reis

#### Apoio

Esta publicação foi financiada com o apoio da:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – CAPES/PROEX n° do Processo: 23038.006212/2019-97.

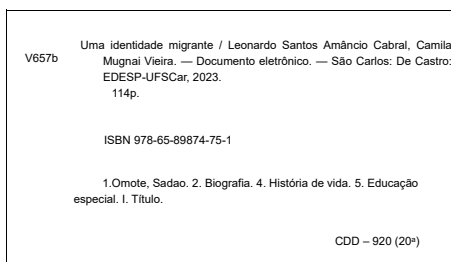
**Projeto gráfico:** Carlos Henrique C. Gonçalves

**Capa:** Francielle Cristina de Paula

#### Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Paula Sayuri Yanagiwara

**Revisão de japonês:** Lucia Lyca Nakamura



Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar  
Bibliotecário responsável: Aníto Martins - CRB/8 7180

DOI: 10.46383/isbn.978-65-89874-75-1

Todos os direitos desta edição foram reservados Leonardo Santos Amâncio Cabral e Camila Mugnai Vieira. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n° 9.610/1998).

#### Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br  
editoradecastro.com.br



**EDESP** – Editora de Educação e  
Acessibilidade da UFSCar

www.edesp.ufscar.br



## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs), por oferecer condições para a realização deste trabalho.





*"Quem reconhece um sábio, pode tornar-se também um sábio"*

*Link Externo: Música >>*





# Sumário

Prefácio .....	11
Prólogo .....	14
1º Ato: “O Antes” – Imigração do Japão para o Brasil .....	23
2º Ato: O início da vida do Prof. Sadao Omote .....	31
Entreato <i>Kodomo jidai</i> : lembranças da infância .....	33
Entreato <i>Ganbare</i> : cresça, esforce-se, persista .....	36
3º Ato: “Alguma coisa acontece no meu coração...” .....	43
Entreato <i>Shozoku</i> : em busca do pertencimento .....	44
Entreato <i>Kikai wo sagashite</i> : desbravador .....	45
Entreato <i>Shigoto no kanōsei o sagutte</i> : Explorando possibilidades de trabalho .....	47
Sadao Datilógrafo .....	47
Sadao Correspondente comercial .....	47
Sadao Vendedor de bilhetes de loteria .....	48
Sadao Vendedor de kit educacional de química .....	48
Entreato <i>hanegoshi</i> : determinação e disciplina .....	49
Entreato <i>jitsuzon shugi to seishin-sei</i> : existencialismo e espiritualidade .....	51
Entreato <i>Shokugyō</i> : em busca de conhecer sua vocação .....	51
Entreato <i>Yokubō e Yūki</i> : desejos e coragem .....	52
4º Ato: Novas experiências e muitas transformações .....	54
Entreato <i>Bunka no chigai</i> : culturas e diferenças .....	55
Entreato <i>Hirogaru chiheisen</i> : ampliando horizonte .....	55
Entreato <i>Jiko ninshiki</i> : autoconhecimento .....	58

5º Ato: Uma visita a Pasárgada .....	60
Entreato <i>Eniguma</i> .....	64
6º Ato: <i>Daigaku Kyōju to shinri gakusha</i> – Professor Universitário e Psicólogo .....	67
Entreato <i>Shōgaisha muke no shien kikan</i> : Instituições para pessoas com deficiências .....	69
7º Ato: <i>Kazoku Daigaku seimei</i> – Família e vida acadêmica .....	75
Entreato <i>Oshieru</i> : Sadao e o ensino .....	79
Entreato <i>Kyōshi ikusei</i> : reflexões de Sadao sobre a formação de professores .....	80
Entreato <i>Chiiki mukeno gakujutsu katsudō</i> : Sadao e a extensão ....	81
Entreato <i>Kensaku</i> : Sadao e a pesquisa .....	83
Entreato <i>Sanji</i> .....	87
8º Ato: <i>Wabi Sabi</i> – Rupturas, imperfeições, transitoriedades, recomeços e/ou meras continuidades .....	90
Entreato <i>Kyōsei taishoku</i> : Aposentadoria compulsória .....	91
Entreato <i>Shakaiteki hakudatsu</i> : a privação social .....	92
Entreato <i>Hikkoshi</i> : A Mudança de Residência .....	92
Sobre as rupturas .....	95
9º Ato: <i>Yume wo jitsugen shite</i> : Materializando Sonhos .....	97
Entreato <i>Karera to tomoni yume o kanaeru</i> : “com eles, sonhos a realizar” .....	101
10º Ato: Epílogo .....	106
Biógrafos .....	115

# Prefácio

Escrever o prefácio deste volume parecia-nos uma tarefa relativamente tranquila. Afinal, se trata de uma biografia do nosso pai, com quem passamos uma vida inteira. De fato, falar sobre “Sadao, o Pai” é muito fácil e prazeroso. Sentimos muito orgulho da educação que nos foi passada e, acima de tudo, dos valores que absorvemos pelo convívio com este grande homem. Como filhos, tivemos o afeto necessário para que nos sentíssemos crianças bem-acolhidas. Prova deste carinho são as lembranças que ficaram da época de criança.

Eu, Maíra, lembro-me das nossas férias, sempre muito bem-planejadas por nosso pai e aproveitadas por nossa família. Nos momentos de descanso, nossos momentos, nosso pai estava sempre rodeado de livros, papéis e caneta. Para ele o tempo é precioso, e o trabalho, prazeroso. Enquanto nos esperava sair da escola, tinha sempre um livro à mão. A partir do momento que nos encontrava, a atenção era sempre nossa, sempre disponível para nos ouvir e orientar.

Já eu, Hélio, me lembro de momentos quando tinha meus 3 ou 4 anos de idade e ia junto de meu pai para o trabalho. Lembro-me com detalhes da sua sala, com uma infinidade de estantes cheias de livros e pastas, uma mesa sempre cheia de papéis amontoados e duas cadeiras de madeira com estofados verdes que eram aproximadas de frente para que eu pudesse tomar minha mamadeira deitado. Quanta diversão aquela pequena sala me proporcionou.

Como esses momentos, ficaram inúmeros outros que hoje influenciam de forma positiva a relação que temos com nossos filhos.

Como seres humanos, tivemos, por um bom tempo, o privilégio do convívio diário que nos possibilitou ter em casa um exemplo a ser seguido. Sempre com uma tranquilidade de espírito, ensinou-nos muito mais com atitudes do que com palavras. Características como disciplina, esforço, compromisso, honestidade e respeito são alguns dos preceitos mais fortes que recebemos de nosso pai. Assim, talvez a tradução do maior ensinamento que nos foi passado por ele esteja naquele ditado popular que diz que “atitudes valem mais que mil palavras”. E isso fez toda a diferença para nos tornarmos as pessoas que somos hoje.

Não bastasse a educação, mais tarde viemos a saber que tínhamos em casa um “*popstar*”. Confessamos que ficamos surpresos na primeira vez que fomos a um congresso com ele e, ao final, várias pessoas pediam para tirar foto com nosso pai. Na vida adulta, convivemos com diálogo do tipo:

- Seu sobrenome é Omote? Você é parente do Professor Sadao Omote?
- Sim, sou filha/o dele.
- Não acredito!!! Seu pai é uma pessoa muito importante.

Por fim, tínhamos até alguns amigos mais próximos que se apropriavam desse sucesso, autointitulando-se “amiga/o dos filhos do Professor Sadao”.

Dizem que bons filhos devem conhecer a biografia de seus pais, e confessamos que, ao ler esta obra, pudemos viajar nas recordações de lugares onde passamos a infância e, surpreendentemente, conhecer com mais detalhes outros momentos da vida do “Sadao, o Ser humano”.

Inevitavelmente, fazemos associações da influência de sua história com o desenvolvimento de características de nosso pai, por exemplo, a incessante disciplina que tem em absolutamente tudo que faz. Aqueles que o conhecem sabem que esta é uma característica marcante dele e que foi construída pela necessidade de transpor grandes desafios à base de muito esforço.

Um dos sonhos do “Sadao, o Pai e Ser humano” é fazer uma viagem para o Japão junto de toda a família. Conhecendo um pouco mais da sua história, entendemos este sonho como um importante exercício de auto-conhecimento, para nós, inclusive. Lendo e conhecendo sua história nos sentimos filhos melhores e mais orgulhosos.

Por fim, agradecemos, em nome da família, aos professores Camila Mugnai Vieira e Leonardo Santos Amâncio Cabral por proporem esta justa homenagem a um homem que deixa tantos ensinamentos para tantas pessoas, e esperamos que esta obra sirva de inspiração para tantas outras. Agradecemos também o honroso convite para, na qualidade de filhos, escrever este Prefácio.

Maíra de Sena Gouvêa Omote

Hélio de Sena Gouvêa Omote

Julho/2023



# Prólogo

Leonardo Cabral

Camila Mugnai

Após elementos importantes de toda uma vida do Prof. Sadao Omote terem sido apresentados e representados ao longo dos outros nove volumes precedentes a este, por meio de produções acadêmico-científicas e depoimentos, iniciamos o último volume que constitui a Coleção Sadao Omote com um *prólogo*.

Ora, prólogo? Que sentido teria esse elemento no Volume 10 se, na atmosfera teatral, um prólogo deveria preceder o “primeiro coro”, representado pelo Volume 1 desta coleção? Sua trajetória historiográfica na área da Educação Especial já não está representada principalmente por pesquisas que contribuíram e pavimentaram a construção da Abordagem Social da Deficiência no Brasil, além de investigações relacionadas a atitudes sociais, famílias de pessoas com deficiências, orientação educacional, formação de profissionais e métodos de pesquisa?

Recordemos aquilo que o Prof. Sadao Omote disse sobre a coleção no capítulo “Trajetória Autobiográfica”, presente em todos os volumes:

Não há nem norte cronológico nem um agrupamento temático rigorosamente definido pelo conteúdo de cada texto, uma vez que a produção bibliográfica de um autor não segue necessariamente uma lógica linear previamente definida, mas transcorre um pouco ao sabor das demandas e oportunidades (OMOTE, 2023, p. 14).

Poderíamos deixar essas questões à parte, sem elucidarmos esse aspecto aos leitores. Contudo, é importante mencionarmos que, após entrelaçarmos cuidadosamente a historiografia do Prof. Sadao Omote à sua produção acadêmica por meio desta coleção, compreendemos (aos poucos) que seu modo reservado de existir, somado a uma maneira respeitosa de relacionar-se com as pessoas, parecia “esconder” a intimidade de uma história de vida repleta de desafios, enfrentamentos e aprendizados.

A partir desta coleção é possível perceber que, até organizarmos o Volume 9, “Educação Especial: o Encontro com Godot”, tínhamos aces-

so ao sujeito professor, pesquisador e orientador, cujo caráter sempre demonstrou sua disposição e generosidade em não “apenas” compartilhar seus conhecimentos. Seu empenho profissional em apresentar desafios junto aos outros revelava-se de maneira paulatina e cuidadosa, valorizando e incentivando esforços individuais e coletivos, compreendendo seus respectivos tempos, ritmos e, eventualmente, dificuldades. Quem já teve a felicidade de conviver um pouco com o Prof. Sadao Omote, em qualquer ambiente que fosse, potencialmente pôde compreender seu caráter amigável em suas relações.

Contudo, isso não significava necessariamente um compartilhamento e/ou confiança de suas histórias mais íntimas, que seguramente poderiam ser fontes de muitos ensinamentos. Em sua estrutura, parece-nos haver um contorno fortemente construído que solidariamente demarca os espaços entre o que é público e o que é privado.

Talvez os leitores não compreendam, de imediato, a complexidade e a riqueza do exercício de se aproximar de uma história de vida totalmente perpassada e construída pela convivência com sujeitos diferentes entre si, que em algumas culturas eram desviantes e, a depender das concepções e contextos, estigmatizados.

Esses cenários pulsaram em sua subjetivação, potencializando uma genuína disposição para compreender sensivelmente a existência de si e dos outros. Isso pode ser percebido, em partes, nos volumes da Coleção Sadao Omote.

Ao longo dos últimos anos, alguns acontecimentos pessoais e profissionais de sua vida emergiam em diálogos constantes entre nós e o bibliografado. Em especial, destacamos um fato ocorrido em Toronto, no Canadá, em ocasião do XIX ISA *World Congress of Sociology*, promovido em 2018 pela *International Sociological Association*, quando o professor Sadao Omote apresentou sua comunicação intitulada *Itinerary of a Migrant Identity* (que compõe o Volume 9 desta coleção).

O texto tecia reflexões e relações entre sua vida pessoal e profissional, evidenciando elementos de sua história que o foram constituindo como sujeito pensante e sensível, tanto nas relações familiares e entre amigos quanto em sua prática docente, como orientador e pesquisador.

Na ocasião, os inesperados *feedbacks* de sociólogos, antropólogos e até mesmo de imigrantes em relação à sua apresentação foram muito interessantes. Alguns que leram o seu texto completo nos anais do evento começaram a sugerir que ele escrevesse sua autobiografia.

Parecia-lhe estranha, porém, a ideia de escrever um livro a respeito de si próprio. Como sempre, demasiado humilde, Sadao não se sentia confortável em “estar sob os holofotes”, algo que sempre evitou. Mas, a partir

daquela experiência, Sadao ficou intrigado sobre o possível impacto de sua história em outras pessoas.

Lendo a Autobiografia de Norberto Bobbio, o professor Sadao nos disse que passou a ver naquele tipo de texto a possibilidade de carregar alguma partilha significativa aos leitores. Então, como um bom observador e eterno aprendiz, Sadao captou a potencialidade que a experiência lhe possibilitava e transformou a ideia apresentada em um processo rico de elaboração de afetos e vivências pessoais, aproximação de gerações e aprofundamento de relações interpessoais de aprendizado mútuo.

Considerou que, talvez, não houvesse problema se outra pessoa escrevesse a seu respeito, até porque estava começando a sentir que compartilhar com colegas da área a relação entre a sua história de vida e a trajetória acadêmica percorrida seria parte dos seus compromissos sociais.

De maneira despreziosa e nada planejada, nascia naturalmente uma “coaproximação” entre Prof. Sadao Omote, Profa. Camila Mugnai e Prof. Leonardo Cabral, em momentos e situações distintas, que fundamentaram o fato de hoje sermos os seus biógrafos neste volume tão especial.

Inicialmente, o Prof. Sadao Omote fez um convite à Camila Mugnai<sup>1</sup> para que, juntos, elaborassem sua biografia. Naquela ocasião, Sadao já vinha compartilhando com colegas de seu Grupo de Pesquisa “Diferença, Desvio e Estigma” sua intenção para o início do movimento de redigir reminiscências e retomar sua história de alguma forma. Enquanto forte entusiasta, Camila estimulou Sadao a enfocar inclusive sobre mais aspectos afetivos, por vezes desconhecidos por pessoas que não conviviam cotidianamente com o professor.

Sentindo o gigantesco desafio e a honra de registrar e tornar pública uma história como a do professor Sadao, eles começaram as incontáveis reuniões para o compartilhamento de seus materiais e de suas memórias, bem como para o delineamento do formato que essa obra poderia ser. A cada encontro, novas lembranças vinham à tona, gerando outras reflexões e transformando a proposta.

Foi então que, em 2020, a pandemia da Covid-19 obrigou todos ao distanciamento social, e, com tantas perdas de vidas e receios, aquele momento gerou repercussões diversas na saúde física e mental de todos. Os encontros tornaram-se virtuais, mas não deixaram de acontecer.

---

<sup>1</sup> Conheci Sadao em 2004, quando ingressei no Mestrado na UFSCar e fiz disciplinas como aluna especial na Unesp/Marília. Nesses quase 20 anos, compartilhamos projetos e produções e tivemos muitas conversas e oportunidades para nos conhecermos mais intimamente, formando um laço de amizade, além da relação já respeitosa e produtiva entre orientador-orientanda. Na ocasião, eu era orientanda do pós-doutorado do Prof. Sadao Omote, psicóloga, vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Diferença, Desvio e Estigma”, junto a ele, e docente da Faculdade de Medicina de Marília.



Em 16 de dezembro de 2020, professor Sadao foi aposentado compulsoriamente da Unesp/Marília, no dia em que completava 75 anos. Imaginando o impacto que esse acontecimento traria ao professor, ainda mais naquele contexto pandêmico, Camila organizou uma surpresa para a data: um vídeo ([link externo](#)) que contou com muitos depoimentos em homenagem ao professor, com colegas, ex-alunos e orientandos, de gerações diversas, relatando histórias junto ao professor e a importância dele em suas vidas. Foi emocionante e acalentador para um momento de muitas mudanças e incertezas.

Meses antes, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) promoveu a série “Métodos de Pesquisa em Educação Especial”. Naquela ocasião, Leonardo Cabral preparou e leu um texto também em homenagem ao professor ([link externo](#) para o vídeo). Em razão disso, Camila convidou Leonardo a compor o referido vídeo de homenagem com seu depoimento, por sentir que, em pouco tempo de convívio com Sadao, ele tinha sido sensível para captar a essência do professor e transmiti-la em palavras. Além disso, ambos já estavam trabalhando juntos no Memorial da Educação Especial ([link externo](#)), para o qual resgatavam e compilavam textos acadêmicos de autoria do professor Sadao, publicados há muito tempo ou inéditos.

Foi assim que nasceu essa triangulação das relações entre Sadao, Camila e Leonardo para a construção desta biografia. Tudo foi fazendo mais sentido quando, mesmo após a sua aposentadoria compulsória, emergiam mais explicitamente a intenção e postura ética de Sadao em encontrar modos de organizar e difundir uma devolutiva à sociedade que, segundo ele, tanto investiu em sua formação pessoal e profissional:

*Aos poucos, a coleção foi adquirindo uma significação especial. Sempre estudei em escola pública. Fiz praticamente toda a minha carreira profissional em universidade pública. Graças não exata e unicamente a serviços públicos (como estudante e como trabalhador), mas a todas as comunidades pelas quais passei, nas quais aprendi tudo isso que faz de mim quem sou. Portanto, tenho compromisso com essa sociedade, não exata e unicamente no sentido de dar retorno e deixar alguma contribuição, mas de integrar toda essa experiência acumulada à comunidade. É nesse sentido que a coleção parece ser um bom veículo (narração do Prof. Sadao aos autores).*

Foi inestimável, então, o momento em que compreendemos que tínhamos uma abertura para que esse propósito pudesse ser organizado (como se não bastassem todas as suas contribuições para a ciência brasileira). Integrantes dos Grupos de Pesquisa “Diferença, Desvio e Estigma” (Unesp/Marília) e “Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade” (GP-Idea/UFSCar) reuniram esforços até chegarmos ao Volume 10 desta coleção.

Uma ressalva, porém. Em seu jeito discreto e reservado, deparamo-nos com uma preocupação do Prof. Sadao: “acho interessante a ideia, Ca-

mila e Leonardo, mas eu não gostaria de, a essa altura da vida, ser compreendido como alguém que queira holofotes, o que é bastante comum na vida acadêmica”. Sinalizamos compreensão e pensamos em diversas maneiras para escrever sua biografia, respeitando sua intenção e preocupação.

Aos poucos, percebemos que ele foi se aproximando de sua própria história, resgatando documentos e memórias de sua infância, juventude e vida adulta, além de estabelecer diálogos com familiares e amigos como fontes genuínas de lembranças que constituem o presente volume.

Nessa caminhada, pudemos acompanhar o Prof. Sadao até o seu encontro com Godot. Naturalmente, enquanto pessoas que admiram alguém como ele, enganamo-nos ao compreendê-lo como um sujeito “formado” e/ou “completo”. Felizmente, sua potência nos transmite o fato de ele ser um sujeito inacabado e, portanto, “uma identidade migrante”. Parece-nos que ele faz, talvez despropositadamente (?), da sua vida uma arte.

Nós, Camila e Leonardo, compreendendo a beleza dos ensinamentos de sua vida, pedimos a ele a licença poética para percebê-lo como um protagonista de uma peça, em um tom biográfico e com elementos/vocábulo teatrais.

Afinal, biografia é uma das possíveis fotografias de um teatro da vida, cujo repertório pode ser constituído por um conjunto de peças, ora realizadas por um mesmo grupo de pessoas, ora com o mesmo estilo, ora na mesma época. Ainda, integra o repertório o conjunto de papéis que ele mesmo já interpretou em cenas de sua vida e que fazem parte (ou não) do seu modo atual de existir.

Percebe a complexidade de se escrever uma biografia, confiada a nós por uma pessoa que tanto estimamos? Imaginando a trajetória do Prof. Sadao Omote constituída como um conjunto de episódios significativamente importantes em seus momentos de vida, organizamos o volume em Atos, a partir de seus próprios “rel-Atos”.

Em todos os atos e entreatos que constituem o presente volume, representados por termos que dialogam com a filosofia japonesa<sup>2</sup>, consideramos utilizar um gênero narrativo que trouxesse elementos que permitissem a descrição das encenações, como: dramaticidade, psicodramas, efeitos de destaque, ações cênicas com certa comicidade, contrapontos e entreatos. Quando possível, buscamos até mesmo um conjunto de movimentos, gestos e atitudes, acordado com as fisionomias, os tons e os silêncios, de modo a trazer aos leitores uma quase totalidade emanada dos

---

2 Como forma de valorizar suas origens e homenagear a cultura nipônica, buscamos termos no idioma japonês para comporem alguns dos títulos dos capítulos e subcapítulos, aqui denominados atos e entreatos. Pesquisamos expressões que representassem os sentidos que gostaríamos de empregar em trechos da biografia e compusemos a integração da língua brasileira com a japonesa, assim como professor Sadao compreende sua identidade nessa rica e complexa junção de culturas tão diversas. Agradecemos a Lucia Lyca Nakamura, e-mail: llycanakamura@gmail.com, pela revisão da língua japonesa.

momentos descritos, considerando-se intervalos, quadros, significados, significantes e intertextualidades.

Cumpramos destacar que, na proximidade com o realismo dos fatos a partir das memórias do Prof. Sadao, ainda que tenhamos valorizado a teatralidade<sup>3</sup> do caráter simbolista, metafórico e poético, valendo-nos de momentos de suspense, tragédias e até mesmo de sublimação, buscamos evitar qualquer tipo de ficção, entrelaçada com aspectos grotescos ou burlescos como caricaturas, fantasias, absurdos e irreais.

Para trazer estrutura, ambientação, representação, estética e sentido às circunstâncias e manobras das narrativas das cenas de cada Ato, foi necessário reunir elementos para projetar, arquitetar, construir, assoalhar e decorar os cenários dos contextos.

Tudo ocorre nos limites do espaço cênico, e, nesse espaço imaginativo com fatos reais, convidamos os leitores a terem a liberdade de considerarem, ou não, o que possivelmente pode estar acontecendo nos bastidores desses cenários, onde atores, equipes e cenografia se movimentam.

Nesse processo, luzes, sombras e *blackouts* ambientam toda a história de vida do Prof. Sadao Omote. Esse plano de iluminação, porém, é um roteiro que dependerá do envolvimento entre leitores e narrativas. Digamos que os leitores têm autonomia para serem os luminotécnicos em ação.

Nesse plano cenográfico, para o entendimento da ação dramática, foi desafiador traduzir a marcação das cenas narradas pelo biografado, considerando o conjunto de movimentos, posturas e localização de cada personagem e suas relações com os elementos constituintes do cenário em tela<sup>4</sup>.

Assim, trabalhamos em conjunto com o Prof. Sadao nessa dramaturgia, atuando todos os três como diretores, encenadores, cenógrafos e coreógrafos de um espetáculo. Nessa caminhada, a princípio, pareceu-nos não ter havido diferentes “ensaios” e que os caminhos puderam ser representados estritamente por uma experiência de trocas para o planejamento e execução do que nos propusemos.

Todavia, quando consideramos o cuidadoso, metódico e sistemático trabalho de diálogos, registros, organização, diagramação, criação de artes

3 Podemos fazer referência ao *kabuki*, uma forma de espetáculo artístico baseada no teatro popular. Cada ideograma da palavra “kabuki” (ka, bu e ki) significa, respectivamente, canto, dança e habilidade, ou seja, “a arte de cantar e dançar”. Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/japao/kabuki.htm>. Além dessa, podemos fazer referência ao *Nô*, drama lírico japonês (mimicado, cantado e dançado, com coros e instrumentos), executado no teatro, com guarda-roupa e máscaras, sem cenário. Compreende seções de prosa (*kotoba*) e de poesia (*uta*). Inspira-se geralmente em lendas e contos antigos do Japão, onde os seus atores são o *shitô* e o *waki*, o segundo é uma espécie de duplo do primeiro. Fonte: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18284/teatro-noh/>.

4 A biografia foi organizada, de certo modo, cronologicamente no relato dos acontecimentos, processo visto como interessante por Sadao, que pôde visitar eventos inclusive de sua infância, lembrando-se de eventos que até então pareciam esquecidos. Há certas idas e vindas em alguns momentos, conforme os eventos remetem uns aos outros ou merecem comentários de destaque por dinâmicas marcantes que se repetem em diferentes acontecimentos ao longo do tempo.

audiovisuais, preocupação com acessibilidade, dentre outros inúmeros aspectos que constituem esta obra, arriscamo-nos a dizer que fizemos diferentes ensaios e leituras<sup>5</sup>, ajustando temas, tempos-ritmos, tramas, unidades de lugar e de tempo, até que este volume viesse a público.

Por vezes, também, mesmo mergulhados enquanto biógrafos à parte do Prof. Sadao Omote, sentíamo-nos como se estivéssemos nos bastidores, no papel de contrarregras, guiões e cortineiros: colocando em cena os elementos cênicos e os efeitos especiais pensados pelo biografado, cuidando da limpeza, dos reparos e das luzes, dando os sinais para início e final do espetáculo, para a execução das tarefas dos demais técnicos e para a entrada dos atores em cena.

Uma de nossas preocupações, porém, foi com o limite da poética e com a fidedignidade dos fatos. Aos poucos, fomos compreendendo que o gênero literário poderia prever canevas<sup>6</sup> e permitir mutações, mesmo que parcialmente, de um cenário no desenrolar de uma cena, ou no final de um quadro, ou de um ato. Isso porque foi necessário organizar uma longa trajetória de vida em algumas unidades de ação impressas em pouco mais de uma centena de páginas. Por mais que sejamos os autores, o Prof. Sadao é o dramaturgo desta biografia, na qual ele também é o protagonista, mas não só.

Encontramos aí outro desafio: o de distanciarmo-nos um pouco de nossa admiração por ele, para não o colocar em um pedestal e, assim, desumanizá-lo. Tomamos cuidado, portanto, de não incorreremos equivocadamente nos extremismos representados pelo teatro grego, por exemplo: o *Deo ex machina*; o ditirambo; o épico; o êxodo; a fatalidade; a catástrofe; a *catharsis*; o herói; o monstro sagrado; o páthos; e o *star system*.

Sadao destacou repetidamente o quanto essa experiência o levou a dar diferentes sentidos a algumas vivências. Entendeu que a reação a um fato não precisa ser apenas proativa ou reativa. A resposta reativa pode ser passiva ou ativa. Reagir passivamente significa sucumbir; reagir ativamente significa dar sentido às coisas, entender o porquê das coisas, entender a sua própria participação no evento, buscar alternativas de saída para a si-

---

5 Ensaio: Treino metódico e sistemático feito com atores e técnicos, sob a orientação de um diretor teatral, visando a encenação de um espetáculo. Ensaio à italiana: sem movimentação, no qual só o texto é dito o mais rapidamente possível. Intervêm todos os atores. Ensaio Corrido: sem interrupções, com a movimentação das personagens/atores toda estabelecida, e ajustados os elementos da direção; serve para cronometrar o tempo do espetáculo e imprimir-lhe o ritmo desejado. Ensaio de leitura ou à mesa: serve para todos os participantes se conectarem com o texto que vai ser dramatizado. Ensaio geral: normalmente é o último ensaio antes da estreia do espetáculo, em que é estabelecido o ritmo geral. Esse ensaio é basicamente um espetáculo experimental, com todos os elementos em funcionamento, momento em que são regulados e definidos todos os efeitos de luz e som, permitindo um balanço antecipado do espetáculo. Fonte: Teatro em Escala ([link externo](#)).

6 O canevas é o resumo (o roteiro) de uma peça, para as improvisações dos atores, em particular na *Commedia dell'arte*. Os comediantes usam os roteiros (ou canovacci) para resumir a intriga, fixar os jogos de cena, os efeitos especiais ou os lazzi.

tuação, buscar tirar proveito da experiência. Esta é uma das características mais marcantes da personalidade do biografado.

Assim, pode ser interessante notar o quão difícil foi para nós percebermos que, em algumas vezes, ele também precisou ser coadjuvante e até mesmo figurante de sua própria história, demonstrando a convivência solidária entre suas identidades a depender de cada contexto em que vive. E isso não reduz em nada a sua potência de existir. Pelo contrário.

Nesse palco, portanto, para além dos elementos narrativos, cenográficos e de direção, o Prof. Sadao nos traz um elenco muito diversificado de atores e atrizes que contracenam entre si, com seus respectivos personagens e papéis, além de figurantes e técnicos que participam da montagem de seu próprio espetáculo.

Cuidadosamente, foi possível acessar algumas características desses atores e atrizes que permitiram a distinção entre suas individualidades e originalidades, seja com base em seus respectivos traços físicos, psicológicos e/ou morais, valendo-se ou não de adereços, figurinos e indumentárias. Os papéis desses personagens, então, são performados ao longo dos atos, compondo a história como um todo.

No processo biográfico, fomos nos sentindo autorizados por Sadao a compartilhar olhares sobre esse caminho, com algumas interpretações singulares, mas não definitivas. Ao longo dessa caminhada, pudemos explorar emoções e nos aprofundarmos no que possivelmente há de mais essencial na vida humana: as relações interpessoais na diversidade e seus afetos. Assim, compreendemos que, mais do que realizar uma historiografia, fomos atravessados por uma história que leva a reflexões e a transformações.

Em um misto de tarefa árdua e prazerosa, buscamos organizar as recordações que o Prof. Sadao resgata para nós. Nesse exercício, certas vezes buscamos priorizar uma organização cronológica dos fatos e, outras vezes, percebemos que seria mais compreensível se relacionássemos tais lembranças a fatos atuais de sua vida.

Então, convidamos os leitores a atravessarem a quarta parede que separa o palco da plateia e, assim, a mergulharem e se integrarem nessa história de vida. Lançando mão do *happening*, vivencie as cinestésias das cenas, suas sonoplastias, cheiros e cores eventualmente ilusórios, os subtextos.

Será que você encontraria identificação e verossimilhança nas ações, personagens e lugares aqui biografados? Seria essa biografia uma estreia? Qual epílogo você imagina para uma identidade migrante que encontra Godot?



# 1º Ato: “O Antes” – Imigração do Japão para o Brasil

Assim como em peças de teatro, tivemos a intenção de apresentar o Primeiro Ato da biografia do Prof. Sadao Omote com base nas memórias por ele aprendidas e aprendidas, ao longo de seus atuais 77 anos de vida, por meio das narrativas de seus familiares que vieram ao Brasil antes mesmo de ele nascer.

As memórias de seus familiares ajudam-nos a remontar algumas cenas marcantes que envolveram aqueles que compuseram um dos primeiros momentos históricos da imigração japonesa no Brasil em tempos que precederam a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

As lembranças resgatam vivências de famílias que passavam alguns dias em um alojamento em Kobe, cidade na baía de Osaka, no centro do Japão, preparando-se para a longa jornada rumo a um “paraíso distante”. Dentre essas famílias, estava a do Sr. Masao (1907-1987), pai do Prof. Sadao Omote, cuja decisão de estar ali foi construída aos poucos, durante alguns anos, ponderando possibilidades.

Considerando a situação de profunda recessão econômica do Japão e as conseqüentes precárias condições de vida, o Sr. Masao cogitou garantir a possibilidade de enriquecimento no Brasil para que, após alguns anos,



Figura 1 Selo postal impresso no Brasil em homenagem aos 80 anos da imigração japonesa. Fonte: Rodrigues (1988).

retornasse ao Japão com recursos suficientes para iniciar alguma atividade que proporcionasse um pouco mais de segurança e conforto para sua família.

Após refletir bastante e dialogar com seus familiares, o Sr. Masao decidiu emigrar para o Brasil junto à sua esposa, Sadako (1914-1986), e ao seu filho primogênito, Akira (1934-2017), à época um bebê de seis meses. Naquela aventura, aderiu a eles a parte paterna da família estendida do Prof. Sadao Omote: Utaji (avô), Wasa (avó), Sadanobu (tio), Tiyoe (tia) e Miyoko (tia).

Juntos, então, foram todos se alojar em Kobe com a finalidade de se prepararem com um pouco mais de “ferramentas de sobrevivência” no trajeto e, também, no Brasil. Assim, durante algumas semanas o Sr. Masao e familiares submeteram-se a procedimentos de avaliação médica<sup>7</sup>, além de se envolverem em atividades para aprender elementos básicos da língua portuguesa e para a obtenção de algumas informações sobre o Brasil.

Em certo momento, naquele alojamento, o Sr. Masao ouvira uma palestra na qual um agente da companhia colonizadora fizera uma apresentação sobre as maravilhas do Brasil, destacando a fartura de oportunidades de trabalho e a perspectiva de enriquecimento, desde que a família toda trabalhasse arduamente e com afinco. Por outro lado, ele também evidenciara os desafios que a mudança para o Brasil representaria em relação às diferenças entre os idiomas, os hábitos, os alimentos, o clima, além do receio de contrair doenças completamente desconhecidas e temidas, como a malária.

Passadas algumas semanas de preparação no alojamento em Kobe, o Sr. Masao e todos os seus familiares foram aprovados pela agência japonesa de emigração. Um pequeno momento de alívio, pois se certificaram que seguiriam juntos nessa aventura.

Até que, finalmente, chegou a véspera da viagem para o Brasil. O navio estava pronto para deixar Kobe na manhã seguinte, carregando cerca de 200 famílias e todos os pertences que puderam levar. Demoraria um pouco menos de dois meses de Kobe, no Japão, a Santos, no Brasil.

Mais tarde, no Brasil, o Sr. Masao contava a seus filhos que “aquela noite de 1935 foi especialmente difícil para dormir”. Segundo ele, além de quente, a sala estava apertada, cheia de pessoas. Algumas crianças choravam, outras dormiam, outras ainda brincavam como se estivessem em um *playground* de algum parque de diversões. Como se não bastasse, o som do ronco de algumas pessoas ecoava nos ouvidos do Sr. Masao.

Esse era o cenário que atravessava o Sr. Masao, em quem pulsavam sentimentos como insegurança, angústia e ansiedade em relação à

---

7 Naquele período, sobretudo em situação de concentração no alojamento de Kobe, havia o risco de alguém da família não ser aprovado no exame médico, principalmente devido ao aumento no número de casos de tracoma (doença inflamatória ocular – conjuntivite – causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* que ocorre em áreas de maior concentração de pobreza, com deficientes condições de saneamento básico e acesso à água).



iminente viagem ao mundo e ao futuro que, para toda uma família, eram completamente desconhecidos. Ele não conseguia relaxar para dormir e se perguntava, com o coração apertado: “o que estaria esperando por ele e por sua família do outro lado do mundo?”. Ainda que fosse remota, a possibilidade de ser uma viagem sem retorno era tão assustadora quanto a de entrar em um perigoso buraco escuro e sem saída.

O medo era tanto que, para resgatar sua coragem de deixar suas raízes em busca de uma vida melhor e mais promissora em um lugar tão distante, o Sr. Masao tentou se concentrar no que aquele agente da companhia colonizadora de imigração havia dito: “O Brasil é um verdadeiro paraíso. Lá, o dinheiro cresce literalmente nas árvores! Você não terá que se preocupar um dia sequer”. Ouvir isso foi o mesmo que acender um fogo e aquecer corações em meio a uma grave situação de crise e de falta de esperança, mesmo para quem coloca o menor simbolismo nesses assuntos.

Enfim, com o coração um pouco mais sereno, acompanhado de uma noite mal dormida, o dia da partida finalmente chegou. Naquele dia, muitos parentes e amigos de imigrantes estavam no porto de Kobe para desejar-lhes boa sorte nesta aventura inimaginável. Embora não falado, todos sabiam em seus corações que aquele podia ser um adeus para sempre. Parecia a última vez que eles iriam se ver.

O navio<sup>8</sup>, então, começara a partir. De um lado, muitos dos passageiros seguravam fitas de papel enquanto, em terra firme, parentes/amigos ali presentes seguravam a extremidade oposta das respectivas fitas. À medida que o navio se distanciava, as fitas esticavam-se até serem rompidas. Esse foi o símbolo da despedida entre aqueles que permaneceriam no Japão e aqueles que iriam para o Brasil.

---

<sup>8</sup> O navio não era exatamente de passageiros, mas um cargueiro adaptado, com espaços reservados para cada grande família. Inclusive, algumas das pessoas que viajavam levavam quase todos os seus pertences.



Figura 2 Tradição japonesa relacionada a despedidas entre tripulação (no navio) e público (no cais).

Fonte: Cytrynowicz e Cytrynowicz (2017).



Figura 3 Desembarque das primeiras famílias japonesas no Porto de Santos.

Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

Na travessia, os dias pareciam intermináveis. Enquanto isso, entre brincadeiras e choros das crianças no navio, os adultos lavavam os espaços e roupas<sup>9</sup> de suas respectivas famílias, além de assistirem a palestras para o aprendizado do português elementar e de algumas coisas sobre o Brasil.

Paralelamente, as famílias conversavam apreensivas sobre seus futuros, demonstrando inclusive dúvidas sobre a decisão, ora entendida como ousada, ora como imprudente. Mas não havia a alternativa de desistir e retornar ao Japão.

Em pouco menos de dois meses, o navio finalmente chegou ao porto de Santos, no Brasil. Naquele momento, as famílias desciam do navio, amontoavam-se no píer junto às suas bagagens e aguardavam um cronograma de imigração para orientar os procedimentos a serem seguidos na viagem, agora terrestre, até seu destino final.

Enquanto isso, os imigrantes recém-chegados tinham os primeiros contatos com o novo mundo e começaram a perceber que muito do que era corriqueiro aos brasileiros, como imagens, cheiros e sons, aos imigrantes japoneses parecia peculiar ou até excêntrico.

<sup>9</sup> As refeições eram fornecidas pela equipe do navio.

Reconheciam que haviam desembarcado em uma terra distante do Japão, não apenas geograficamente, como também histórica, étnico-racial e culturalmente. Alguns ficaram tão maravilhados ou assustados com o que viram que, muitos anos depois, ainda se lembravam de alguns detalhes e puderam contá-los aos filhos e netos. Seriam tempos de muitas descobertas nesta nova terra que, com o tempo, passariam a chamar de lar.



Figura 4 Trem trazendo os japoneses.  
Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

A família Omote, especificamente, aguardou por várias horas no cais de Santos até embarcar em um trem que iria para o interior do estado de São Paulo, a pouco mais de 700 km de Santos, onde hoje está o município de Pereira Barreto<sup>10</sup>.

Na então terra inóspita, toda a família do Sr. Masao tentava adaptar-se à nova realidade, dedicando-se de sol a sol à plantação de algodão e, também, a Akira (1934-2017), um bebê de poucos meses. As condições de subsistência eram muito precárias e primitivas.

Em casa não havia energia elétrica nem fogão a gás ou a carvão. Apenas a lenha recolhida no mato. Na lavoura, a não ser por algumas poucas ferramentas básicas como a enxada, não havia equipamentos adequados. Assim, tudo dependia das próprias mãos de todos, que tinham, como combustível emocional, a esperança de um dia retornar a sua terra natal em condições melhores.

Contudo, essa esperança foi soterrada logo no início de dezembro de 1941, quando um vizinho do Sr. Masao retornou de uma cidade próxima com a notícia de que a frota naval japonesa havia atacado Pearl Harbor, declarando guerra aos Estados Unidos da América (EUA). Após o ataque, o comandante da frota japonesa teria dito: “Agora acordamos o gigante adormecido”. Não obstante, o Japão não estava nem um pouco preparado

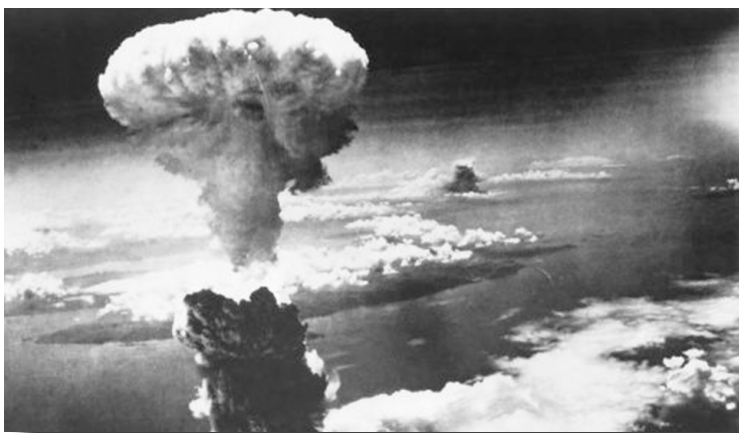
<sup>10</sup> Pereira Barreto foi fundada, oficialmente, em 11 de agosto de 1928, com o nome de Novo Oriente, quando Mitsusada Umetani, responsável pela Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda (Bratac), adquiriu parte das terras (50 mil alqueires) do povoado de Itapura a fim de receber imigrantes japoneses que vieram para o Brasil trabalhar na lavoura (Fonte: Prefeitura da Estância Turística de Pereira Barreto) ([link externo](#)).

para atacar Pearl Harbor. Toda a ideia de entrar em guerra com os Estados Unidos não passava de suicídio, no entendimento do Sr. Masao.

A notícia de que o Eixo, do qual o Japão fazia parte, havia iniciado a Segunda Guerra Mundial em 1939<sup>11</sup> era a notícia que o pai do Prof. Sadao Omote queria nunca ter ouvido. O Sr. Masao estava apavorado. Ele sabia que as repercussões do que estava prestes a acontecer poderiam ser globalmente desastrosas.

Mesmo que o Japão tivesse um histórico envolvimento em muitas guerras, nunca foi tão trágico aderir a uma guerra como naquele momento. A situação econômica japonesa piorou devido aos enormes gastos com a guerra e comprometeu intensamente a vida de toda a população japonesa. Os milhares de jovens recrutados estavam na iminência da morte. Como se não bastasse, a história de um dos maiores desastres provocados pelos homens estava começando.

Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica foi detonada sobre a cidade de Hiroshima, matando imediatamente mais de 140.000 pessoas. Quando parecia que o pesadelo já havia se estabilizado, ele se intensificou. Em 9 de agosto de 1945, outra bomba atômica foi lançada sobre a cidade de Nagasaki, matando mais de 40.000 pessoas, imediatamente. Poucos dias depois, em 14 de agosto, aconteceu a rendição japonesa, oficializada em 2 de setembro de 1945.



**Figura 5** Hiroshima e Nagasaki: como foi o “inferno” no qual morreram milhares por causa das bombas atômicas.

**Fonte:** U. S. National Archives and Records Administration ([link externo](#)).

11 Os três principais parceiros da aliança do Eixo foram a Alemanha, a Itália e o Japão. Esses três países reconheceram a dominação alemã e italiana na Europa continental, bem como a dominação japonesa na Ásia Oriental. Outros cinco Estados europeus uniram-se ao Eixo durante a Segunda Guerra Mundial: a Hungria, a Romênia, a Bulgária, a Eslováquia e a Croácia. As potências do Eixo eram opostas às potências Aliadas (liderados pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O declínio e a queda do Eixo tiveram início no ano de 1943 (Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. *Introduction to the Holocaust. Holocaust Encyclopedia*) ([link externo](#)).



**Figura 6** Escombros de um antigo teatro em Hiroshima.  
Fonte: Associated Press (1945).

Enquanto no Japão a população sobrevivia em um cenário completamente devastado, com condições de extrema precariedade, a família do Sr. Masao, assim como tantas outras, enfrentava um contexto cheio de dificuldades, com altos níveis de incerteza. Sem domínio da língua portuguesa, junto a situações de discriminação baseadas na derrota na Segunda Guerra Mundial, o horizonte de concretização do esperado enriquecimento no território brasileiro tornava-se cada vez mais distante.

Há de se considerar, contudo, que muitas coisas interessantes aconteceram com essa família no Brasil. Ao longo de 11 anos, Sadanobu, o irmão do Sr. Masao, bem como suas irmãs Tiyoe e Miyoko haviam se casado com imigrantes japoneses<sup>12</sup>. Enquanto isso, depois do primogênito nascido no Japão, Akira, vieram mais dois meninos, Noriyasu (1937) e Masatoshi (1939), e duas meninas, Kazue (1942) e Tiekko (1944).

---

12 O irmão continuou morando e trabalhando na mesma propriedade. Após o casamento, a irmã Tiyoe mudou-se para Suzano, uma pequena cidade próxima a São Paulo, e Miyoko, para a cidade de São Paulo.



## 2º Ato: O início da vida do Prof. Sadao Omote



**Figura 7** Casa onde Prof. Sadao Omote passou sua infância e parte da adolescência.

**Fonte:** acervo pessoal de Sadao Omote.



Durante a Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses e seus descendentes sofreram várias restrições, como proibição para fazer reuniões ou conversar em língua japonesa em espaços públicos, além de detenções para averiguação de suspeitas e denúncias.

Em vários municípios no interior do estado de São Paulo, incluindo Pereira Barreto<sup>13</sup>, a notícia da rendição japonesa no fim da Segunda Guerra Mundial dividiu a comunidade japonesa em dois grandes grupos antagôni-

<sup>13</sup> Antigamente, Pereira Barreto era conhecida como Novo Oriente, mesmo com significativa presença das culturas portuguesa, italiana, árabe e indígena.